

Desenvolvimento do autocuidado da pessoa com Estomia Intestinal de um centro de reabilitação

Development of self-care for people with Intestinal Stomia in a rehabilitation center

DOI:10.34117/bjdv9n2-169

Recebimento dos originais: 30/01/2023

Aceitação para publicação: 27/02/2023

Robson Delmondes Dias

Residente no Programa de Residência Multiprofissional em Reabilitação Física pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (INISA - UFMS)
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Endereço: Rua Jose Antônio Saraiva, 846, Jardim Los Angeles, Campo Grande - MS
E-mail: robson_ddias@hotmail.com

Nathan Aratani

Doutor em Ciências da Saúde
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Endereço: Av. Costa e Silva, Pioneiros, CEP: 79070900, Campo Grande - MS
E-mail: nathan.aratani@ufms.br

Helder de Pádua Lima

Doutor em Enfermagem
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Endereço: Av. Marcio Lima Nantes, S/N, CEP: 79400-000, Coxim - MS
E-mail: padua_helder@hotmail.com

Kellen de Lis Oliveira da Silva

Pós-Graduação em Estomaterapia
Instituição: Centro Especializado em Reabilitação Física (CER – APAE)
Endereço: Rua Carlinda Tognini, 251, Vila Progresso, CEP: 79050-140, Campo Grande - MS
E-mail: kellendelis31@gmail.com

RESUMO

Objetivou-se investigar as práticas de autocuidado de pessoas com estomia intestinal assistidas em um centro especializado em reabilitação. Trata-se de uma pesquisa transversal, quantitativa, realizada com 20 pessoas assistidas no CER/APAE (Centro Especializado em Reabilitação) do município de Campo Grande-MS. Os dados foram coletados através de um formulário semiestruturado e informação de prontuário do setor de estomia. Os resultados indicam predominância de pessoas do sexo masculino (55%), ensino médio completo (35%) e renda entre 1 e 3 salários mínimos (55%), sendo 90% colostomizados e 10% ileostomizados. Entre as principais causas que levaram a confecção do estoma se destacou a neoplasia de reto (35%). A maioria dos participantes realizava pelo menos sete das dez atividades de autocuidado com a estomia que foram investigadas. Todos os participantes afirmaram que realizavam cuidados com a pele ao redor do estoma e que esvaziavam a bolsa quando necessário. Conclui-se que o

autocuidado pode ser promovido por profissionais de enfermagem que assistem pessoas estomizadas, considerando-se as singularidades e vulnerabilidades dessa clientela.

Palavras-chave: Estomia, reabilitação, autocuidado, cuidados com Estomia, complicações de Estomia.

ABSTRACT

The objective was to investigate the self-care practices of people with an intestinal ostomy assisted in a center specialized in rehabilitation. This is a cross-sectional, quantitative survey, carried out with 20 people assisted at the CER/APAE (Specialized Rehabilitation Center) in the city of Campo Grande. Data were collected using a semi-structured form and information from the ostomy sector's medical records. The results indicate a predominance of males (55%), complete secondary education (35%) and income between 1 and 3 minimum wages (55%), with 90% colostomized and 10% ileostomized. Among the main causes that led to the making of the stoma, rectal neoplasia stood out (35%). Most participants performed at least seven of the ten self-care activities with the ostomy that were investigated. All participants stated that they took care of the skin around the stoma and that they emptied the bag when necessary. It is concluded that self-care can be promoted by nursing professionals who assist people with a stoma, considering the singularities and vulnerabilities of this clientele.

Keywords: Ostomy, rehabilitation, self-care, Ostomy care, Ostomy complications.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Portaria SAS/MS nº 400 de 16 de novembro de 2009, que trata da Atenção à Saúde de Pessoas Ostomizadas no Brasil, define ostomias intestinais (colostomia e ileostomia) como intervenções cirúrgicas realizadas, tanto no cólon (intestino grosso) como no intestino delgado e consiste na exteriorização de um segmento intestinal através da parede abdominal.

O ostoma ou estoma intestinal é caracterizada por um processo cirúrgico, que permite a conexão de um órgão com o meio externo, com o intuito de eliminar resíduos que se depositam em uma bolsa coletora, podendo ser classificado em colostomia, ileostomia e urostomia, dependendo da sua localização. (MEDEIROS et al., 2017).

Existem poucas informações sobre o número de pessoas com estomia no Brasil, de acordo com uma perspectiva calculada pela International Ostomy Association, acredita-se que em 2018 havia aproximadamente 207.000 pessoas com estomias no Brasil (CONSENSO, 2020). Dentre as principais causas motivadoras estão neoplasias de cólon e reto, diverticulite, doenças intestinais inflamatórias, doença de Crohn, infecções perineais graves, doença de Chagas e traumas (RIBEIRO et al., 2016).

A confecção de um sistema não habitual no corpo produz diversas mudanças na vida do estomizado, incluindo transições na rotina, exigindo adaptação aos desafios associados aos cuidados com o estoma, além de alterações na imagem corporal, nos aspectos funcionais e psicológicos. Sentimentos advindos da transformação do corpo podem produzir baixa autoestima que interfere no convívio social conduzindo ao isolamento (MEDEIROS et al., 2017).

O autocuidado se define, como um conjunto de condutas positivas que levam uma pessoa a tomar decisões e a praticar atividades facilitadoras da manutenção da estabilidade clínica e do enfrentamento da doença. Para realização do autocuidado, o paciente passa por muitas vezes por um profissional de saúde, para que os cuidados sejam adaptados conforme a realidade que essa vivencia (MOTA et al., 2016).

A convivência com um estoma precisa dispor de inúmeras medidas de adaptação e adequação às atividades cotidianas, que inclui o entendimento das ações de autocuidado principalmente com o estoma e a pele periestoma, também com higiene e observação do estoma e da pele no manuseio do sistema coletor, uma vez que tais práticas reduzem significativamente, o surgimento de agravos e novas intervenções (SILVA et al., 2021).

Sendo assim, o cuidado de enfermagem deve ser baseado na singularidade, no respeito e na sensibilidade de cada paciente, considerando suas limitações. Os cuidados de enfermagem apresentam alta eficácia na promoção de saúde e no autocuidado de pacientes estomizados. A consulta com o profissional em enfermagem, favorece o autocuidado, além de auxiliar a família e o paciente a recuperar a autoestima e recompor a autoimagem. Os principais cuidados da enfermagem com relação ao paciente estomizado são: observar a sinais flogísticos; presença de gases ou acúmulo fecal dentro da bolsa; retirada e higienização da mesma; data correta da troca da bolsa; e orientação sobre cuidados referentes a contaminação da mesma (RODRIGUES; BICALHO; OLIVEIRA, 2019).

Diante do exposto, o estudo propõe o seguinte questionamento: Quais as práticas de autocuidado realizadas por pessoas com estomias intestinais assistidas em um centro de reabilitação?

O presente estudo tem o objetivo de investigar o autocuidado entre pessoas com estomias assistidas em um centro de reabilitação.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, de abordagem quantitativa, realizado no Centro Especializado em Reabilitação Física e Oficina Ortopédica de Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS), que segue critérios da portaria 2.331, de 23 de dezembro de 2016. O referido serviço se encontra vinculado à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

O atendimento do CER / APAE para as pessoas estomizadas é norteado pela portaria n° 400, de 16 de novembro de 2009, que estabelece as diretrizes nacionais para atenção a saúde das pessoas ostomizadas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

No que se trata da realização do atendimento do paciente com estomia intestinal no CER/APAE, a assistência de enfermagem é ofertada na instituição somente após a alta hospitalar, mediante ao Sistema de Regulação (SISREG) pelo SUS. A pesquisa foi realizada nessa instituição por essa ser referência na distribuição de equipamentos para pessoas com estomias intestinais no estado de MS.

A população do estudo foi composta por indivíduos com estomias intestinais (colostomia/ileostomia) e avaliados por uma enfermeira estomaterapeuta para a retirada de equipamentos coletores mensalmente na unidade. Vinte usuários do serviço de saúde participaram do estudo, esse quantitativo foi definido através da técnica de amostragem por conveniência.

Os critérios de inclusão foram pacientes atendidos no Centro Especializado em Reabilitação / CER APAE que tenham estomia intestinal, de ambos os sexos com idade igual ou maior de 18 anos, independente de raça ou classe social que venham para atendimento de retorno para reavaliação com a enfermeira estomaterapeuta. Os critérios de exclusão dos pacientes foram: pacientes acamados, sem condições físicas e cognitivas para responder ao instrumento de coleta de dados.

A coleta de dados foi realizada no período de junho a setembro de 2022 através do formulário autoaplicável elaborado pelo próprio pesquisador. O formulário foi composto com questões fechadas e abertas obtendo informações sócio-demográficas (idade, raça, estado civil, escolaridade, situação profissional, renda familiar), também aspectos relacionados ao autocuidado (por exemplo: troca de equipamento, necessidade de ajuda na troca, adequações na vestimenta, medição do estoma, recorte de placa) e alterações na estomia após a primeira consulta de enfermagem, entre as alternativas (dermatite, granulomas, aumento de tamanho, diminuição de tamanho e alergia), formulário baseado no modelo encontrado no trabalho de SCHUMACHER (2018). O

prontuário foi utilizado para obter informações relacionado a história clínica do paciente (por exemplo, o diagnóstico clínico, tipo de estomia, data da realização da cirurgia de estomização).

Para a análise dos resultados, as variáveis serão tabuladas e interpretadas por meio de estatísticas descritivas. Para tanto, o programa Microsoft Excel, versão 2010, foi utilizado.

A pesquisa foi conduzida segundo os preceitos éticos da Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, complementar a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, e a coleta foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFMS. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAEE) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul sob o número 56759822.0.0000.0021.

3 RESULTADOS

Os participantes do estudo tinham média de idade de 60 anos (mínimo de 33 e máximo 73 anos). Houve predomínio de pessoas do sexo masculino, pardos, com igualdade entre solteiros e casados, ensino médio completo e renda mensal entre um a três salários mínimos (tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos participantes do estudo segundo as características sociodemográficas. Campo Grande –MS, 2022.

VARIAVEL	N	%
SEXO		
Masculino	11	55
Feminino	9	45
RAÇA		
Pardo	11	55
Branco	8	40
Negro	1	5
ESTADO CÍVIL		
solteiro	7	35
casado	7	35
divorciado	4	20
viúvo	2	10
ESCOLARIDADE		
ensino médio completo	7	35
ensino fundamental incompleto	6	30
ensino superior completo	3	15
ensino superior incompleto	3	15
ensino médio incompleto	1	5
SITUAÇÃO PROFISSIONAL ATUAL		
aposentado, reformado ou em reserva	8	40
empregado ativo	6	30
incapacitado permanente para o trabalho	2	10
desempregado	2	10
empregado não ativo (baixa, licença)	1	5
tarefas domésticas	1	5

RENDA FAMILIAR		
até 1 salário mínimo	8	40
de 1 a 3 salários mínimos	11	55
de 3 a 6 salários mínimos	1	5

FONTE: Elaborado pelos autores.

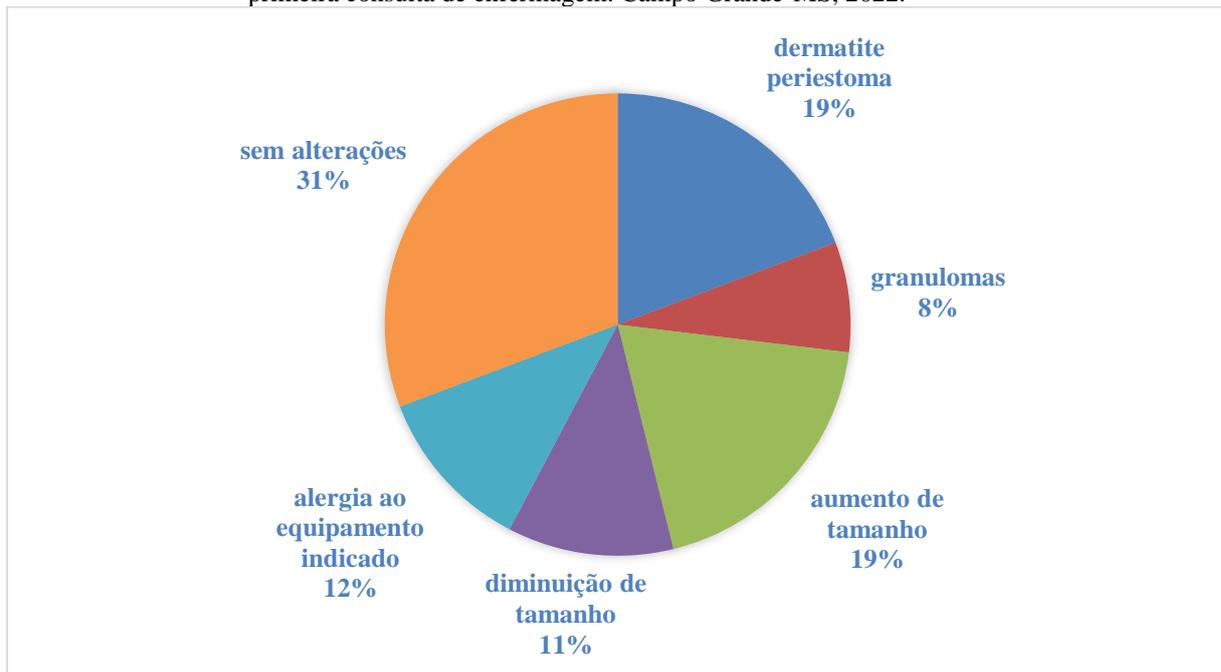
Foi possível identificar 10 doenças de acordo com os diagnósticos clínicos que levou à indicação de cirurgia de estomia, com destaque a neoplasia maligna do reto com (n=7). Os demais diagnósticos foram: neoplasia maligna do colon (n=4), neoplasia maligna do colo de útero (n=1), diverticulite (n=2), síndrome de fournie (n=1), trombose intestinal (n=1), megacólon congênito (n=1), enterocolite crônica (n=1), doença de crohn (n=1), colostomia protetora para LPP (Lesão por pressão) (n=1).

Quanto ao tipo de estomia intestinal dos participantes predominaram as colostomias (n=18) e ileostomias (n=2). Com relação ao tempo da realização da cirurgia, houve predomínio dos que faziam uso há mais de 6 meses (n=18). Cinco participantes faziam uso de equipamento coletor definitivo e os demais utilizavam temporariamente.

Ainda que a consulta de enfermagem tenha sido apontada pela maioria (n=12) como o único meio de acesso à informação e educação em saúde sobre os cuidados diários, outros usuários (n=8) citaram como fontes de acesso de informação para a realização e aprimoramento de seu autocuidado: internet, associação de estomizados, nutricionista e outros profissionais.

Na análise das respostas do formulário respondido pelos participantes, as alterações nas estomias de maior recorrência foi a dermatite periestoma (gráfico 1), que pode ser atribuída a falta ou erro no cuidado. Das alterações colhidas no formulário estão:

Gráfico 1. Distribuição dos participantes do estudo segundo as alterações na estomia intestinal após primeira consulta de enfermagem. Campo Grande-MS, 2022.



FONTE: Elaborado pelos autores.

Quanto aos adjuvantes para tratamento ou/e fixação do equipamento coletor, 18 participantes utilizavam em conjunto pó para estomia, pasta para estomia e cinto de estomia; um utilizava fita adesivo elástica; e um não fazia uso de adjuvante.

De acordo com a Tabela 2, das dez atividades de autocuidado investigadas, a maioria dos participantes realizava sete. Todos os participantes afirmaram que realizavam cuidados com a pele ao redor do estoma e que esvaziavam a bolsa quando necessário.

Tabela 2. Distribuição dos participantes do estudo segundo os cuidados realizados com a estomia intestinal. Campo Grande-MS, 2022.

CUIDADOS COM ESTOMIA	N	%
cuidados com a pele ao redor do estoma	20	100
esvazia a bolsa quando necessário	20	100
executa troca de equipamento	19	95
liberta os gases contidos na bolsa de estomia	18	90
confirma ajuste do dispositivo	16	80
recorta a placa do tamanho do estoma, se necessário	14	70
adequações com vestimentas	11	55
mede o tamanho do estoma	10	50
cuidados durante atividade sexual	3	15
OUTROS		
toma sol na pele periestoma, alimentação	1	5

FONTE: Elaborado pelos autores.

Em relação a necessidade de ajuda para os cuidados cotidianos com a estomia, oito participantes referiram necessitar de ajuda. Entre as pessoas citadas na realização desses cuidados, predominaram os familiares (cônjuge e filhos).

4 DISCUSSÃO

A caracterização sociodemográfica dos participantes indicou que 30% desses não havia concluído o ensino fundamental. Estudo realizado com 52 pessoas com estomia intestinal identificou que 53,83% apresentam nível de instrução precário (COELHO et al., 2015). Esses dados reforçam a necessidade de profissionais da saúde considerarem a escolaridade dos usuários dos serviços e assumirem uma linguagem clara para instruções de autocuidado, além de investigar a realidade social e os recursos familiares disponíveis em cada situação (SCHUMACHER, 2018).

Em relação a renda, 55% afirmaram ter renda entre 1 e 3 salários mínimos e 4% declararam ter renda de 1 salário mínimo. No contexto estudado, a baixa renda pode influenciar negativamente, mediante ao uso de materiais adequados para a manutenção da saúde, sendo essa variável importante no processo de orientação de autocuidado (COELHO et al., 2015).

A predominância de neoplasia maligna do reto e neoplasia maligna do cólon coincidem com levantamentos que apontam que, em homens, a neoplasia de cólon e reto foi a segunda maior incidência com 21.970 casos no ano de 2022 atrás apenas do câncer de próstata. Entre as mulheres ela também é a segunda maior incidência com 23.660 casos atrás apenas do câncer de mama (INCA, 2022).

Obteve-se que as alterações mais relatadas pelas pessoas estomizadas foram as dermatites e o aumento do tamanho do estoma. Uma pesquisa que teve o intuito de identificar a prevalência de complicações em pessoas com estomias urinárias e intestinais, apontou que aproximadamente um terço dos pesquisados apresentou complicações relacionadas ao estoma, com destaque dermatites, prolapso e hérnia periestomal (DANTAS et al., 2017).

A pele periestomia, quando em contato com efluente causa dermatite irritativa, provocando perda da integridade cutânea, desencadeando um processo inflamatório que pode gerar eritema, erosão da pele, pontos de hemorragia e dor, que por consequência resulta na diminuição da aderência do equipamento coletor até o extravasamento do conteúdo intestinal. Desta forma, o recorte inadequado do orifício da barreira protetora expõe a pele periestomia ao efluente (FEITOSA et al., 2019).

Os recém-estomizados quando não recebem orientações adequadas se deparam com sentimentos de medo, insegurança e abandono, assim como o surgimento recorrente de complicações com a pele periestoma. Havendo a necessidade de cuidados específicos com esse público, que incluem: receber informações e assistência adequada, apoio da equipe de saúde, recebimento dos materiais destinados ao estoma (SILVA et al., 2021).

Através da Teoria do autocuidado, o enfermeiro deve estimular e educar o paciente a ser capaz de realizar suas atividades necessárias para atividades de vida diária (AVD), levando em consideração seus aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais (RIBEIRO et al., 2016).

O processo de ensino e aprendizagem para autocuidado, também envolve o familiar, e deve ser iniciado no momento em que há necessidade da realização do estoma, tendo continuidade pós-operatório imediato, mediato e tardio, levando em consideração as condições biopsicossociais e culturais de cada pessoa (ARDIGO; AMANTE, 2013).

Em uma consulta de enfermagem é essencial fornecer orientações claras e objetivas, com respeito ao grau de instrução, crenças e valores de cada pessoa, com atuação no suporte teórico-prático e apoio emocional, esclarecendo dúvidas, explicando o funcionamento do sistema digestório e a cirurgia em si, de forma a desmistificá-la. Esse processo acontece com o uso de diálogo em uma relação horizontalizada (ARDIGO; AMANTE, 2013).

Acerca das práticas de autocuidado, uma pesquisa que teve o intuito de compreender as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com estomias intestinais a partir das vivências de autocuidado. Os participantes estomizados apresentaram dificuldades em relação a limpeza do estoma, recorte do equipamento coletor, aparecimento de complicações periestomiais, vazamentos de efluentes e afastamento de atividades sociais (SILVA et al., 2021). Em outra pesquisa de revisão integrativa com objetivo de identificar as dificuldades apresentadas durante o manejo da bolsa por adultos colostomizados/ileostomizados no ambiente domiciliar. As dificuldades enfrentadas pelos pacientes na pesquisa são a retirada das fezes, limpeza da bolsa, recorte da placa e a troca da bolsa (REIS et al., 2020).

Comparando com a atual pesquisa todos os participantes realizam cuidados com a pele ao redor do estoma, também esvaziam a bolsa quando necessário, 95% executa troca de seu equipamento, 70% fazem o recorte da placa do tamanho do estoma e 50% medem o tamanho de seu estoma para realizar a troca do equipamento.

Dentre as orientações que deve ser passada pelo profissional de saúde para o autocuidado da pessoa estomizada destaca-se a manipulação e cuidados com o estoma, recorte, fixação e higienização da bolsa coletora, além da importância quanto a orientação para obtenção de dispositivo coletor e produtos usados para o cuidado com o estoma (REIS et al., 2020).

Um corte do tamanho errado do orifício da barreira protetora do equipamento coletor provoca exposição da pele periestoma à ação do efluente na pele exposta é altamente lesivo à superfície corporal, tendo por consequência aparecimento de dermatites associado ao uso inadequado dos dispositivos coletores (DANTAS et al., 2017).

A confecção da estomia através da técnica cirúrgica adequada, precedida da marcação pré-operatória para uma localização correta, em área que assegure a aderência ao dispositivo favorecendo a visualização para o doente, é possível reduzir o índice de complicações no pós-operatório, como necrose, isquemia, retração, estenose, hérnia periestomia, abscesso e dermatites (FEITOSA et al., 2019).

Tratando-se dos adjuvantes, são acessórios que promovem bem-estar, além de auxiliarem na prevenção e no tratamento de complicações periestomas. Com relação ao seu uso, o CER / APAE disponibiliza os adjuvantes necessários de acordo com a avaliação da enfermeira.

Com relação aos adjuvantes disponibilizados aos pacientes são: PASTA é uma resina sintética, embalada em tubo, semipermeável à água e permeável à respiração da pele, usada para correção de irregularidades no relevo da pele periestomia, visando uma perfeita adaptação da barreira adesiva. O PÓ DE ESTOMIA se caracteriza por uma resina sintética em pó, embalada em frascos, utilizada para absorver possível excesso de umidade da pele periestomia, prevenir e tratar dermatite. O CINTO confeccionado em algodão e nylon, elástico, ajustável por presilha reguladora de comprimento, é utilizado para proporcionar maior segurança ao paciente. FITA ADESIVA ELÁSTICA em formato Y e C, é um material elástico que se ajusta ao corpo, a fita adesiva elástica assegura que a base adesiva permaneça na posição, evitando que as bordas da base adesiva se levantem.

A realização da confecção de um estoma, sempre apresenta como foco principal salvar a vida e reestabelecer a saúde de uma pessoa, no entanto, este acaba gerando problemas para o sujeito estomizado, como: a falta de controle intestinal e perda

involuntária de fezes e gases causando constrangimento e desconforto com repercussões físicas (RODRIGUES; BICALHO; OLIVEIRA, 2019).

Com uma assistência de Enfermagem desenvolvida para pessoas com estomia, é importante correlacionar seus familiares para auxiliar na promoção da qualidade de vida, assim favorecendo a reinserção social do paciente. Outros aspectos com relação a enfermagem, estão a educação quanto a alimentação, higiene, troca de bolsa e cuidados com a pele periestomal conduzindo, assim, ao desenvolvimento do autocuidado e, com isso, provocando o retorno e adaptação às atividades de vida diária (MEDEIROS et al., 2017).

Após os pacientes passarem por avaliação de enfermagem na instituição e terem instruções quanto aos cuidados diários com seu estoma, existem vários meios para aprimorar o autocuidado, além do que se aprendeu na consulta. Isso nos mostra que o aprimoramento do autocuidado pode ser por diversas formas, onde as pesquisas pela internet abrem grande probabilidade de aprimoramento, a procura por outros profissionais como nutricionistas é de extrema importância, devido as orientações nutricionais que pode estabelecer seu bem-estar.

Se faz necessário o acompanhamento nutricional que envolvem o cotidiano dos estomizados, pois, dependendo da localização do estoma, o processo de absorção dos nutrientes pode ser prejudicado. A manutenção de uma nutrição adequada e o controle da saída de dejetos do estoma são prioridades no acompanhamento nutricional (SELAU et al., 2019).

Em relação a necessidade de ajuda para os cuidados cotidiano, 8 participantes referem necessitar de ajuda, entre os citados que realizam o auxílio estão cônjuge e filho (a).

A família apresenta-se como relevante apoio à pessoa com estomia intestinal, pelo laço de afetividade existente, amenizando a situação em si, confortando e transmitindo segurança. No entanto, essa família necessita tornar-se apta para desenvolver o cuidado, tanto durante a hospitalização quanto após a alta, no domicílio (ARDIGO; AMANTE, 2013).

5 CONCLUSÃO

A maioria dos participantes realizavam a maior parte das atividades de autocuidado com estomias. Todos os participantes realizavam cuidados com a pele ao redor do estoma e esvaziavam a bolsa quando necessário. Quando não realizavam tais

cuidados sozinhos, os participantes contavam com o apoio de familiares (cônjuge e filhos).

Os resultados apontam a relevância de promover o autocuidado entre pessoas com estomias e inserir familiares nas práticas de cuidado de modo que aprendam e auxiliem na adesão aos cuidados durante o período de adaptação, na promoção da qualidade de vida e na prevenção de complicações, considerando-se as vulnerabilidades identificadas.

Sugere-se o desenvolvimento de novos estudos sobre a temática para que profissionais de saúde atuantes nesse contexto se sensibilizem e planejem ações integrais e eficazes, que previnam complicações relacionadas.

REFERÊNCIAS

ARDIGO, Fabíola Santos; AMANTE, Lúcia Nazareth. **CONHECIMENTO DO PROFISSIONAL ACERCA DO CUIDADO DE ENFERMAGEM À PESSOA COM ESTOMIA INTESTINAL E FAMÍLIA**. out 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072013000400024.

Acesso em: 06 mai. 2021.

BRASIL. Portaria nº400, de 16 de novembro de 2019. Estabelecer Diretrizes Nacionais para a Atenção à Saúde das Pessoas Ostomizadas no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. Ministério da saúde, [2019]. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2009/prt0400_16_11_2009.html. Acesso em: 22 nov. 2022.

COELHO, Ana Maria Sampaio; OLIVEIRA, Cleomar Gonçalves de; BEZERRA, Sara Taciana Firmino; ALMEIDA, Arisa Nara Saldanha; CABRAL, Riksberg Leite; COELHO, Manuela de Mendonça Figueirêdo. **AUTOCUIDADO DE PACIENTES COM COLOSTOMIA, PELE PERIOSTOMAL E BOLSA COLETORA**. out 2015.

Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10897>. Acesso em: 06 mai. 2021.

CONSENSO BRASILEIRO DE CUIDADOS ÀS PESSOAS ADULTAS COM ESTOMIAS DE ELIMINAÇÃO 2020. *SOBEST* - Associação Brasileira de Estomaterapia. Disponível em:

https://sobest.com.br/wpcontent/uploads/2021/11/CONSENSO_BRASILEIRO.pdf.

Acesso em: 04 nov. 2022.

DANTAS, fernanda Gomes; SOUZA, Amanda Jéssica Gomes de; MELO, Gabriela de Sousa Martins; FREITAS, Luana Souza; LUCENA, Silvia Kalyma Paiva; COSTA, Isabelle Katherinne Fernandes. **PREVALÊNCIA DE COMPLICAÇÕES EM PESSOAS COM ESTOMIAS URINÁRIAS E INTESTINAIS**. jun 2017. Disponível em: <https://teste.revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/304/191>.

Acesso em: 06 mai. 2021.

FEITOSA, Yterfania Soares; SAMPAIO, Luis Rafael Leite; MOREIRA, Déborah Albuquerque Alves; MENDONÇA, Francisco Antonio da Cruz; CARVALHO, Tatyelle Bezerra; MOREIRA, Thereza Maria Magalhães; MORAES, Juliano Teixeira; **Necessidade real do doente: percepção de pessoas com ostomias intestinais sobre os fatores associados às complicações**. ago 2019. Disponível em:

https://rr.esenfc.pt/rr/index.php?module=rr&target=publicationDetails&pesquisa=&id_artigo=3199&id_revista=24&id_edicao=189. Acesso em: 06 mai. 2021.

Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer - INCA. **INCIDÊNCIA ESTIMADA CONFORME A LOCALIZAÇÃO PRIMÁRIA DO TUMOR E SEXO**. [Brasil], [2022]. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/numeros>. Acesso em: 18 nov. 2022.

MEDEIROS, Lays Pinheiro de; SILVA, Isabelle Pereira da; LUCENA, Silvia Kalyma Paiva; SENA, Julliana Fernandes de; MESQUITA, Emily Kathiene Silva de; OLIVEIRA, Dannyele Munnyck Silva de; COSTA, Isabelle Katherinne Fernandes; **ATIVIDADES DA INTERVENÇÃO DE ENFERMAGEM “CUIDADOS COM A OSTOMIA”**. dez 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-33867>. Acesso em: 06 mai. 2021.

NASCIMENTO, Conceição de Maria de Sá; TRINDADE, Graciara Letícia Bezerra; LUZ, Maria Helena Barros Araújo; SANTIAGO, Roberta Fortes; **VIVÊNCIA DO PACIENTE ESTOMIZADO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM**. jul 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072011000300018. Acesso em: 06 mai. 2021.

REIS, Bianca Leal; BRANDÃO, Euzeli da Silva; TONOLE, MORAES, Renato; Érica Brandão. **DIFICULDADES APRESENTADAS POR PESSOAS COM ESTOMA INTESTINAL DURANTE AUTOCUIDADO: REVISÃO INTEGRATIVA**. nov 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10183/9100>. Acesso em: 13 jan. 2023.

RIBEIRO, Raíssa Vanessa Lima; OLIVEIRA, Adrielly Caroline; VIANA, Larissa Vanessa Machado; PINTO, Ana Paula; CARVALHO, Moisés Lopes; ELIAS, Conceição de Maria Vaz. **ADAPTAÇÃO SOCIAL DO PACIENTE COLOSTOMIZADO: DESAIOS NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM**. jun 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6771910>. Acesso em: 06 mai. 2021.

RODRIGUES, Helena Aparecida; BICALHO, Elizaine Aparecida Guimarães; OLIVEIRA, Renata Ferreira dos Santos; **CUIDADOS DE ENFERMAGEM EM PACIENTES OSTOMIZADOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**. jul 2019. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/V5N1A9>. Acesso em: 06 mai. 2021.

TAVARES, Luiz. **OS DESAFIOS PARA OS PACIENTES QUE USAM BOLSAS COLETORAS NO BRASIL**. Revista Veja Saude, jul, 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/os-desafios-para-os-pacientes-que-usam-bolsas-coletoras-no-brasil/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

SCHUMACHER, Stéfani Fernanda. **PACIENTES ONCOLÓGICOS PORTADORES DE OSTOMIA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO AUTOCUIDADO**. fev 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/13214>. Acesso em: 06 mai. 2021.

SILVA, Isabelle Pereira da; SENA, Julliana Fernandes de; LUCENA, Silvia Kalyma Paiva; XAVIER, Suênia Silva de Mesquita; MESQUITA, Simone Karine da Costa; SILVA, Valéria Gomes Fernandes da; COSTA, Isabelle Katherinne Fernandes. **AUTOCUIDADO DE PESSOAS COM ESTOMIAS INTESTINAIS: IMPLICAÇÕES PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM**. dez 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rem/article/view/38661/30052>. Acesso em: 13 jan. 2023.

SILVA, C. S.; SANTOS, B. do C.; SANTOS, K. A. S.; ALVES, A. do A.; FORTES, G. N.; FORTES, M. F.; OLIVEIRA, P. M.; MAIA, A. L. Cartilha sobre cuidados com estomias intestinais: percepção do cliente e acompanhante acerca deste método educativo / Primer on Intestinal Stomach Care: customer and companion perception about this educational method. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 14225–14241, 2021. DOI: 10.34117/bjdv7n2-171. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/24461>. Acesso em: 8 fev. 2023.

SELAU, Clarissa Maciel; LIMBERGER, Luana Beatriz; SILVA, Maria Elizete Nunes; PEREIRA, Adriana Dall'Asta; OLIVEIRA, Felipe Schroeder; MARGUTTI, Karen Mello de Mattos. **PERCEPÇÃO DOS PACIENTES COM ESTOMIA INTESTINAL EM RELAÇÃO ÀS MUDANÇAS NUTRICIONAIS E ESTILO DE VIDA**. fev 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0156>. Acesso em: 06 set. 2022.